

## ***Dormir ao sol de Bioy Casares: a importância dos vínculos comunitários***

### ***Dormir ao sol by Bioy Casares: the importance of community links***

Matheus Taylor Souza Borges<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo discute a importância da vida em comunidade, proposta como um estilo de existência que resiste às estratégias de domesticação dos indivíduos. Pretende-se apresentar uma reflexão crítica sobre esse tema presente na obra *Dormir al sol*, do escritor argentino Adolfo Bioy Casares. Para tal debate, buscou-se inspiração na relação conflituosa entre dois personagens: Lucho Bordenave, um pacato relojoeiro, e seu vizinho Gordo Picardo, um malandro que vive da venda clandestina de jogos de azar. Para defender essa relação conturbada entre vizinhos tão diferentes, propõe-se a abordagem do conceito de comunidade defendido pelo filósofo italiano Roberto Esposito, que recupera o sentido original do termo, de uma obrigação para com o outro – sobretudo se esse outro é diferente –, com uma convivência que aceita o conflito como elemento essencial para a construção de relações sólidas.

**Palavras-chave:** comunidade; imunização; excesso.

**Abstract:** This article discusses the importance of community life, proposed as a lifestyle of existence that resists domestication strategies of individuals. It is intended to present a critical discussion on this theme presented in the work *Dormir al Sol* by the Argentine writer Adolfo Bioy Casares. To debate the matter, inspiration was sought in the conflicted relationship between two characters: Lucho Bordenave, a quiet watchmaker, and his neighbour, Gordo Picardo, a trickster who lives of illegal sale of gambling games. To talk about this troubled relationship between such different neighbours, it is proposed the concept of community in accordance to the Italian philosopher Roberto Esposito, who wants to recover the original sense of the term, which means an obligation to the other, especially a different one, with a coexistence that accepts conflict as an essential element for building strong relationships.

**Keywords:** community; immunization; excess.

Recebido em 30 de junho de 2015.  
Aprovado em 27 de julho de 2015.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Uberlândia. Este artigo é fruto do projeto “O excesso na narrativa hispânica”, orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karla Fernandes Cipreste, desenvolvido e financiado pelo Programa de Educação Tutorial - Letras da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: [matheustaylor0503@gmail.com](mailto:matheustaylor0503@gmail.com).

## Introdução

O universo da literatura é considerado pelo filósofo francês Georges Bataille (1975) como excessivo, seja na narrativa, na dramaturgia, no riso provocado pelo cômico, seja na poesia. Desse excesso, causado pela suspensão da vida organizada pelo mundo da racionalidade técnico-científica, apresentam-se ficções que convidam o leitor a colocar seu mundo construído em diálogo com outras possibilidades de existência. Assim, o presente trabalho pretende refletir sobre representações da vida em comum, cujo sentido se difere da concepção domesticadora de comunidade, imposta como reunião entre iguais. Nesse sentido, considera-se, aqui, a comunidade segundo definição do filósofo italiano Roberto Esposito (2009), para quem a vida em comum é o dever do cuidado entre todos os indivíduos, sejam eles iguais ou não. Tal análise torna-se interessante ao propor um olhar voltado para algumas relações próximas e, ao mesmo tempo, conflituosas presentes na narrativa de *Dormir al Sol*, de Adolfo Bioy Casares, que conta com um enredo rico, ambientado desde uma pacata vila no subúrbio de Buenos Aires até um manicômio. A diversidade de ambientes repletos de personagens únicos faz da obra um convite ao leitor para apreciar estilos de vida variados e reunidos em um mesmo ambiente onde a convivência é marcada pela heterogeneidade, formando-se um todo que deve ser analisado por um olhar perspicaz e disposto a sair de sua zona de conforto.

## 2 Dois extremos

A apreciação da composição de personagens merece bastante atenção na produção do escritor argentino Adolfo Bioy Casares, dono de um admirável estilo de escrita pelo requinte e por abordar temas polêmicos. No presente trabalho, propõe-se uma leitura de *Dormir al Sol* inspirada nos conceitos de *comunidade* e *imunização*, de Esposito (2009); e do excesso batailliano (1975), com foco em duas personagens: Lucho Bordanave e Gordo Picardo.

A trama tem como pano de fundo uma vila situada em Buenos Aires. No início da narrativa, apresenta-se ao leitor a personagem Lucho Bordanave, definida ao longo da história como um relojoeiro que vive junto de sua esposa Diana e de sua ama Ceferina, sendo manipulado por ambas devido à sua fragilidade e falta de atitude, como poderemos ver no fragmento abaixo: “A nada as pessoas amam tanto quanto a seus ódios. Confesso-lhes que em mais de uma oportunidade entre essas duas mulheres de bom coração, me senti abandonado e solitário.”<sup>2</sup>(CASARES, 2005, p.13, tradução nossa<sup>3</sup>).

No decorrer da narrativa, o leitor descobrirá que Lucho fora funcionário de um banco, porém, após passar por alguns problemas, perde o emprego e passa a trabalhar como relojoeiro, atividade que até então era apenas um hobby. Quando miramos mais profundamente tal aspecto da obra, é interessante ressaltar que o mesmo Lucho que conserta relógios e ajuda as pessoas a gerenciar seu tempo encontra-se cada vez menos dono de seu próprio tempo. Bordanave se ocupa tão pouco de si mesmo que inclusive se esquece da data

---

<sup>2</sup> No original: “A nadie quiere tanto la gente como a sus odios. Le confieso que en más de una oportunidad entre esas dos mujeres de bien fondo, me sentí abandonado y solitario. Menos mal que a mí me quedaba siempre el refugio del taller de relojería.”

<sup>3</sup> No presente trabalho, todas as traduções do espanhol são nossas.

de seu aniversário. Além disso, quando Diana menciona a data especial, ele não se mostra entusiasmado com a celebração e só consente por pressão de sua esposa: “Moveu a cabeça em minha direção. Fiquei olhando-a com a boca aberta, porque a princípio não me lembrava que no domingo era meu aniversário. <sup>4</sup>.”(CASARES, 2005, p.18)

A suscetibilidade de Lucho é uma prova do quão domesticado ele é. Percebe-se sua insegurança frente às dificuldades da vida e sua necessidade de manter-se sempre em uma posição confortável na seguinte passagem, quando ele explica o porquê de sair de casa sempre que acontece um conflito: “Não me peça que todas as vezes que sofro dê uma bronca nela porque prefiro viver tranquilo e dar uma volta. Viver tranquilo também é uma maneira de dizer. <sup>5</sup>”(CASARES, 2005, p. 28).

O relojoeiro mostra-se tão centrado em si que até mesmo as ações que, em um primeiro momento, podem parecer nobres ao leitor, são repletas de intenções pessoais, como quando ele se propõe a ajudar seu amigo Aldini a arcar com os custos da doença da esposa:

Contou o dinheiro e insistiu em estender-me o recibo. Depois tive que aceitar os mates de Elvira como exige a sociabilidade. Retirei-me satisfeito. Por um instante me perguntei se não havia emprestado o dinheiro ao coxo pelo simples afã de parecer um grande amigo e um homem generoso. Ou pior ainda: se não havia emprestado porque pensava que o dinheiro me trazia má sorte, como você vê, minha senhora tem razão: interessado em mim mesmo, sempre estou me interrogando e me examinando e até me esqueço dos outros. Digo-lhe a verdade? Tive medo que me trouxesse má sorte. <sup>6</sup> (CASARES, 2005, p. 99)

Ao contrário do que parece, com esse ato, o relojoeiro não se coloca como agente transformador de uma situação que ocorre no seu meio, mas como protetor de seus próprios interesses, fechado em seu universo particular, com seus prazeres e necessidades. Percebe-se, então, o medo que Lucho tem de arriscar-se, chegando ao ponto de dispor de seu próprio dinheiro devido às suas crenças, que, neste ponto, funcionam como instrumentos de autoproteção.

Porém, a maior covardia do relojoeiro, aquela que instala o horror em sua vida, acontece quando ele consente à internação de sua esposa em um Instituto Frenopático. Lucho concorda em enclausurar Diana no hospício após comentários maldosos do velho Standle, um adestrador de cães que sugere que as saídas prolongadas de Diana poderiam fazer com que os vizinhos julgassem sua conduta e insinuassem que ela estava traindo o marido. Cita-se a passagem:

Standle seguiu: - Parece-lhe bem que a senhora ande todo santo dia longe do lar? Se não fosse mais que o santo dia...- suspirei- E boa parte da noite. Você a espera tranquilo? – Não, não a espero tranquilo. Enquanto dure a internação acabarão as dores de cabeça para você. Deus me perdoe, disse: - Você acredita nisso? – Pode

<sup>4</sup> No original: “Movió la cabeza en mi dirección. Me quedé mirándola con la boca abierta, porque al principio no me acordaba de que el domingo era mi cumpleaños.”

<sup>5</sup> No original: “No me pida que todas las veces que paso la lleve por delante porque yo prefiero vivir tranquilo y dar un rodeo. Lo de vivir tranquilo es una manera de hablar.”

<sup>6</sup> No original: “Contó el dinero e insistió en extenderme el recibo. Después tuvo que aceptar los mates de Elvira como lo exige la sociabilidad. Me retiré satisfecho. Al rato me pregunté si no le había prestado el dinero al rengo por el simple afán de quedar como un gran amigo y como un hombre generoso. O peor aún: si no lo había prestado porque pensaba que el dinero me traía mala suerte. Como usted ve, mi señora tiene razón: interesado en mí mismo, siempre estoy interrogándome y examinándome y hasta me olvido de los otros. ¿Le digo la verdad? Tuve miedo de que todo esto me trajera mala suerte.”

acreditar. – me respondeu. Se me dá a permissão, entro em contato com o doutor Reger Samaniego. – A pobre Diana está muito nervosa – murmurei e me senti mal, como se houvesse dito uma hipocrisia.<sup>7</sup> (CASARES, 2005, p. 32)

Após ceder à manipulação de Standle, Lucho tem tempo para refletir sobre sua covardia e seu egoísmo, porém, ainda assim mantém sua decisão. As próximas passagens comprovam: “Nada mais que pela dificuldade de encontrar as palavras, não lhe disse: Não sabe o peso que está tirando de cima de mim.<sup>8</sup>” (CASARES, 2005, p.33).

Depois me senti, não sei como explicar, sem apoio, nada contente com a decisão que havia tomado. Quem sabe se Standle não havia me parecido um protetor, porque não me deixava abrir a boca para expor minhas dúvidas. Creio que tive medo, como se houvesse dado início a uma calamidade incurável.<sup>9</sup> (CASARES, 2005, p.34)

Nesse aspecto, quando miramos a figura de Lucho, percebemos claramente a perspicácia de Casares e seu diálogo com o homem contemporâneo. Para tal comparação, faz-se necessário compreender o modo como um indivíduo é moldado por diversos instrumentos de dominação que visam sua domesticação, o que pode ser mais bem explicado pela citação a seguir, de autoria do sociólogo alemão Zygmunt Bauman:

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário das tarefas individuais. Em vez de preceder a política da vida e emoldurar seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar dela), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” — ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social. (BAUMAN, 1999, p. 14)

Assim, percebemos que a vida de Lucho Bordenave é determinada por mecanismos de poder que Bauman (1999) chama de política da vida e que Espósito (2009), em estudo mais aprofundado, propõe como *imunização*. Ou seja, uma série de áreas do conhecimento como a Medicina e o Direito são manipuladas por instâncias de poder de modo a entrarem na vida privada de cada cidadão e determinarem um único estilo de vida – obviamente padronizado – como respeitável. Assim, tem-se uma normalização de saberes e condutas que determina quem merece ter uma vida digna e quem não merece. O que percebemos na personalidade e no estilo de vida de Lucho é a aceitação irrestrita dos mecanismos imunizantes, o que faz com que ele se torne um homem covarde e segregado da sociedade. Ele se recusa a assumir um

---

<sup>7</sup> No original: “Standle siguió:-¿A usted le parece bien que la señora ande al santo día lejos del hogar?-Si no fuera más que al santo día...-suspiré.-Y buena parte de la noche.¿Usted la espera muy tranquilo?-No, no la espero tranquilo.-Mientras dure la internación, para usted se acabaron los dolores de cabeza.Dios me perdone dije:-¿Usted cree?-Va de suyo- contestó-. Si me da el visto bueno, entro en contactos con el doctor Reger Samaniego.-La pobre Diana está muy nerviosa- murmuré, y me sentí mal, como si hubiera dicho una hipocresía.”

<sup>8</sup> No original: “Nada más que por la dificultad de encontrar las palabras, no le dije: No sabe el peso que me ha sacado de encima.”

<sup>9</sup> No original: “Después me sentí, no sé si me explico, sin apoyo, nada contento de la decisión que había tomado. Quién sabe si Standle no me había parecido un protector, porque no me dejaba abrir la boca para plantear mis dudas. Creio que tive medo, como si hubiera puesto en marcha una calamidad incalculable.”

papel ativo na comunidade na qual está inserido, visto que tem medo de viver os riscos que são próprios da vida e, principalmente, de conviver com o que é diferente. Lucho, afinal de contas, sente a necessidade de se sentir parte de um mundo de iguais, e é justamente esse desejo, comumente denominado comunidade, que vai totalmente contra o real significado dessa palavra *comunidade*, que é defendido por Espósito (2009). Para o filósofo italiano, comunidade é o convívio conflituoso entre indivíduos diferentes. No que diz respeito às estratégias imunizantes, somos todos iguais, mas essa igualdade se dá, quando refletimos, por meio da subjugação que utiliza das massas para manipular os direitos básicos de todo e qualquer cidadão, seja pelo discurso médico, seja pelo do Direito, como ocorre na trama com a família de Bordenave. Estamos todos sujeitos a uma pseudo-igualdade que se disfarça de comunitária, porém essa espécie de imunização entra cada vez mais no nosso dia-a-dia para segregar aqueles que reivindicam autodeterminação. Dessa maneira, aqueles que se recusam a ser moldados para encaixe nessa igualdade domesticadora são vistos como uma ameaça à vida dos demais, o que resulta em sua marginalização da sociedade. É justamente o que ocorre com o domesticado Bordenave e o faz rejeitar o vizinho Gordo Picardo, a segunda personagem de nossa análise, que é muito importante para que se possa discutir o tema proposto. Picardo é o vizinho malandro que é apresentado pelo próprio Lucho, como veremos a seguir: “Me espiava com insistência, quase sem disfarçar a curiosidade. Admira pensar que alguma vez o consideramos uma espécie de fanfarrão, porque agora não somente é o mais infeliz do bairro, mas também o mais fraco.”<sup>10</sup>(CASARES, 2005, p. 38).

Conforme a descrição, Picardo pode ser compreendido como um homem despreocupado em relação ao trabalho, que foge aos padrões e traz, inclusive em seu próprio nome, traços do Pícaro, personagem que povoa o imaginário Ibero-americano, famoso por sua moral considerada incorreta pelos valores da sociedade vigente. A graça desse personagem está no fato de que não recai sobre ele qualquer tipo de punição jurídica pelos pequenos delitos que comete e, além disso, sua conduta acaba por revelar a hipocrisia das pessoas consideradas de bem. Tal figura não é composta por uma estética gratuita, mas por características muito particulares que retomam ao contexto histórico em que foi criado, ou seja, o século XV, sendo definido a seguir segundo as palavras de Menéndez Peláez:

O protagonista é o pícaro, categoria social, procedente das camadas mais baixas que, assim como um anti-herói, é utilizado pela literatura como contraponto ao ideal cavalheiresco. Sua linha de conduta está marcada pelo engano, a astúcia, o estratagemas e a armadilha genial. Vive à margem dos códigos de honra próprios das classes altas da sociedade de sua época. Sua liberdade é seu grande bem. Uma liberdade condicionada por sua ascendência, que o protagonista relata ao leitor para que compreenda sua norma de vida, condicionada ou determinada, em partes, por suas coordenadas existenciais.<sup>11</sup> (MENÉNDEZ, 1993, p. 1)

---

<sup>10</sup> No original: “Me espiaba con insistencia, disimulando apenas la curiosidad. Admira pensar que alguna vez lo consideramos una especie de matón, porque ahora no solamente es el más infeliz del barrio, sino también el más flaco.”

<sup>11</sup> No original: “El protagonista es el pícaro, categoría social, procedente de los bajos fondos que, a modo de antihéroe, es utilizado por la literatura como contrapunto al ideal caballeresco. Su línea de conducta está marcada por el engaño, la astucia, el ardid y la trampa ingeniosa. Vive al margen de los códigos de honra propios de las clases altas de la sociedad de su época. Su libertad es su gran bien. Una libertad condicionada por su ascendencia, que el protagonista relata al lector para que comprenda su norma de vida, condicionada o determinada, en parte, por sus coordenadas existenciales.”

Ainda levando em consideração a definição apresentada por Menéndez Peláez sobre o pícaro, pode-se perceber que Picardo é a personificação perfeita dessa figura na obra de Casares, o qual faz claramente uma crítica aos padrões estabelecidos pela sociedade da época, com foco em pessoas como Lucho, que rejeitam a picardia com todas as suas forças. Por ironia, essas pessoas acabam sendo vítimas de uma trama terrível, justamente por se orgulharem do caráter reto, e terminam obrigados a se valer da picardia para resolver situações da vida cotidiana que até então eram impensadas. Deste modo, pensar o pícaro também é refletir sobre o jogo da existência, a qual, tal como a obra de Casares, é marcada pelo contato entre extremos que, ainda que pareçam opostos, fazem parte de um mesmo todo interdependente.

Outro elemento contrastante na obra, e acarretado pela presença de Picardo, é o riso. As aparições do vendedor de bilhetes de loteria são quase sempre marcadas por episódios de comicidade gerados pela sinceridade do personagem, o que também não é feito de forma gratuita, pois leva o leitor a refletir sobre as hipocrisias que permeiam os valores presentes em nosso cotidiano e a questionar até que ponto há sentido em certas atitudes incorporadas ao cotidiano do homem domesticado, que o fazem uma vítima da própria vida, justamente por não refletir sobre suas atitudes, escolhidas automaticamente de acordo com o que determinado grupo julgue correto. Tal comportamento condicionado é o que define o merecimento do existir em comum concebido de forma muito oposta ao verdadeiro sentido original da palavra comunidade, que será explicado no decorrer deste trabalho.

O riso presente em Picardo inspira uma análise dessa instância como um excesso batailliano, pois funciona como uma eficaz contestação da ordem. Segundo o filósofo francês George Bataille (1975), quando o riso ocorre tudo se desorganiza: o corpo se torna incontrolável; a razão se perde na instância apaixonada de uma risada; os bons modos são afetados pelos gestos bruscos e pela quebra do silêncio. Ainda alerta sobre a condenação que o mundo da ordem faz do riso com o argumento de que toda a energia que se gasta com uma boa risada é considerada inútil, sob a ótica de sociedades de controle que consideram o homem apenas como força de trabalho. Em obras como *A parte maldita* e *O erotismo*, o filósofo considera tudo o que pertence ao mundo da ordem e da produção para o mercado como *mundo homogêneo*. Já as instâncias incontroláveis pela razão e estimulantes de algum tipo de prazer são denominadas como *mundo heterogêneo*. Pode-se fazer uma aproximação da verdadeira concepção de comunidade, proposta por Esposito (2003), com as classificações de Bataille (1975), ou seja, o sentido genuíno de comunidade é a aceitação da heterogeneidade nas microsferas da sociedade. Tanto para o filósofo italiano quanto para o francês, é essa vida que abraça a diferença, os conflitos e os excessos – a qual a normalização de saberes e condutas tenta controlar – que proporciona, realmente, liberdade de expressão e de autodeterminação. Como se pode perceber, enquanto instância heterogênea, o riso provoca tudo o que o relojoeiro condena por ser extremamente domesticado pelas normas sociais. Justamente por esse motivo, ele rejeita a irreverência de seu vizinho pícaro, e é por isso que Casares sempre coloca Picardo no caminho de Lucho.

As peculiaridades de Picardo não se dão somente nos aspectos visíveis, mas também em sua subjetividade. O vendedor de bilhetes de jogos de azar clandestinos resiste ao que Esposito (2009) chama de *Imunização*, entendida aqui como o modo pelo qual o homem é forçado a inibir seus próprios instintos e desejos com o intuito de encaixar-se em padrões de moral para ele criados. Deste modo, Picardo mostra-se resistente ao processo imunizatório do qual Lucho é vítima. Este contraste será o ponto de partida deste estudo, trazendo, entre outros, alguns aspectos imunizadores que permeiam essa obra de Casares.

### 3 Um convite ao risco

Na obra de Casares, os encontros de Lucho e Picardo são marcados por conflitos, principalmente por parte do relojoeiro, que é sempre vítima do que considera serem inconveniências de Picardo. Porém, o que mais chama a atenção na conflituosa relação entre esses dois personagens é o modo como, por meio de brincadeiras, o vendedor de loteria sempre convida Lucho para algo que vai muito além de um simples jogo, como poderemos ver no fragmento a seguir, no qual o relojoeiro relata uma fala do vizinho como forma de conselho para ele: “Disse-me: - Você tem que tentar a sorte no jogo.<sup>12</sup>” (CASARES, 2005, p. 38). O jogo, que muitas vezes é utilizado como um objeto de manipulação do homem, mostra-se como o oposto na obra de Casares, pois, a cada vez que Picardo oferece os bilhetes de forma divertida para Lucho, ele dá ao relojoeiro a oportunidade de inovar, arriscar e romper com o padrão de homem calcificado em uma posição que lhe parece transmitir conforto, mas que já não é o suficiente para acalmar os lampejos de consciência que Lucho vai adquirindo.

Tal afirmativa não é aplicada somente ao risco que Lucho se nega a correr nos jogos de azar cujas cartelas o vizinho vende clandestinamente, mas na vida como um todo. Quando fazemos tal análise percebemos que a necessidade de se manter sempre em uma zona estável faz com que a vida do relojoeiro caia no marasmo, o que o impede de seguir em frente e tomar decisões mais radicais. Por isso, essa fala de Picardo pode ser entendida como um chamado para que Lucho entre no jogo da vida. Esse chamado é feito exatamente no momento em que Picardo comenta com Lucho sobre a internação de Diana, o arrependimento do relojoeiro e a saudade da esposa, como se pode ver na seguinte passagem: “– Eu não minto – protestou Picardo –. Por acaso não sabe, doutor, o que se passa com o pobre sujeito? Em conspiração com um alemão que adestra cães internou a senhora no manicômio e agora está arrependido.<sup>13</sup>” (CASARES, 2005, p. 55).

Picardo desafia o relojoeiro a entrar no jogo da vida, e esse chamado e todo o terror que Lucho vai viver farão com que ele se entregue à verdadeira existência em comunidade. Essa abertura se faz pela convivência com pessoas incomuns, as quais o relojoeiro, que se gabava de ter retidão de caráter, rejeitaria em outros tempos: a fogaosa enfermeira Paula, os loucos do hospício e a cadelinha Diana. Faz-se importante ressaltar que comunidade, neste caso, considera-se como o que Esposito (2009) define, ou seja, aquilo que vai além de vínculos quaisquer de relações e sim como uma tarefa, um dever, uma lei. Assim, os vínculos da comunidade são uma espécie de responsabilidade, porém não um dom de receber e sim um dom de fazer, tornando-se, assim, uma obrigação. Por isso os membros da comunidade o são por estarem vinculados por uma lei comum.

Sendo assim, a comunidade é uma com a lei, no sentido que a lei comum não prescreve outra coisa senão a exigência da comunidade em si mesma. Assim, pode-se afirmar que a lei da comunidade é necessária e, nesse sentido, o viver em comum também deve significar a troca de experiências, como afirma Esposito:

Enquanto o neocomunitarismo americano – ainda que também a sociologia organicista alemã – vincula a ideia de comunidade com a de pertencimento, identidade e propriedade – a comunidade como o que identifica alguém com seu próprio grupo étnico, seu próprio território ou sua própria língua –, o termo original

<sup>12</sup> No original: “Me dijo: – Tenés que probar la suerte en el juego.”

<sup>13</sup> No original: “– Yo no hincho – protestó Picardo –. ¿A que no sabe, doctor, qué le pasa al pobre sujeto? En contubernio con un alemán que enseña a los perros, metió a la señora en el loquero y ahora está arrependido.”

de “comunidade” possui um sentido radicalmente diferente. Basta abrir o dicionário para saber que “comum” é exatamente o contrário de “próprio”: comum é aquilo que *não* é próprio, nem apropriável por parte de ninguém, que é de todos e/ou, pelo menos, de muitos – e que, portanto, não se refere a si mesmo, senão ao outro. [...] Isso significa que os membros da comunidade, mais que se identificarem por um pertencimento comum, estão vinculados por um dever recíproco de dar, por uma lei que obriga a sair de si para se voltar para o outro e chegar quase a expropriar-se em seu favor.<sup>14</sup> (ESPOSITO, 2009, p. 97).

Espósito (2009) ainda aponta que desde sempre existimos em comum. Porém, isso é algo muito mais complexo e paradoxal do que podemos imaginar. Sempre nos colocamos a necessidade de existir em comunidade e tememos o oposto, o existir sozinho. Mas porque será que tememos tanto a solidão, mas nos recusamos a conviver com as diferenças? Vemos claramente que o existir em comunidade é quase constitutivo, e não o fazer é, de certa forma, negar a própria existência. Porém, é justamente pelo fato de a verdadeira comunidade – a que determina uma obrigação para com o outro – ser um ótimo instrumento de resistência, a instâncias de poder que seu real sentido sofreu a deturpação que a transformou em reunião de iguais. Para comentar tal estratégia de poder, Espósito recorda Rousseau quando este diz que a comunidade é aquilo que é necessário e que às vezes é impedido. A estratégia de domesticação e dominação fica clara, pois é muito mais fácil dominar um povo que se encontra dividido.

Neste ponto, faz-se necessário retomar a história de Lucho que, devido à criação superprotetora de Ceferina, rejeita a vizinhança da vila - a qual faz parte de sua história desde a infância – por medo de conviver com as diferenças, e mascara sua fragilidade com o argumento de que os colegas de infância sempre invejaram sua condição financeira um pouco mais confortável. A passagem na qual o relojoeiro comenta o fato é significativa, pois a sugestão de que os vizinhos o invejavam vem justamente de um médico. Na citação a seguir, Lucho comenta o caso na carta que escreve para Félix Ramos, o outro vizinho com quem é brigado, mas para o qual apela como tentativa de ser salvo do internamento no manicômio:

Desde a infância, o senhor e toda a turma, quando se lembravam, me perseguiram. O Gordo Picardo, o mais velho do grupo [...] uma tarde, quando eu voltava do casamento do meu tio Miguel, me viu de gravata e, para consertar o nó dela, quase me asfixiou. Outra vez, o senhor me chamou de metido. Eu o perdoei porque me ocorreu que me ofendia tão somente para agradar os demais, mas consciente de que estava me caluniando. Anos depois, um doutor que atendia a minha senhora me explicou que o senhor e a turma não me perdoavam por ter o chalé com jardim de cascalho vermelho e a velha Ceferina, que cuidava de mim como uma babá e me defendia do Picardo.<sup>15</sup> (CASARES, 2005, p. 10-11).

---

<sup>14</sup> No original: “Mientras el neocomunitarismo americano – aunque también la sociología organicista alemana – vincula la idea de comunidad con la de pertenencia, identidad y propiedad – la comunidad como lo que identifica a alguien con su propio grupo étnico, su propio territorio o su propia lengua –, el término originario de «comunidad» posee un sentido radicalmente diferente. Basta abrir el diccionario para saber que «común» es el contrario exacto de «propio»: común es aquello que *no* es propio, ni apropiable por parte de nadie, que es de todos y/o, por lo menos, de muchos – y que, por lo tanto, no se refiere a sí mismo, sino a lo otro [...] Eso significa que los miembros de la comunidad, más que identificarse por una común pertenencia, están vinculados por un deber recíproco de dar, por una ley que obliga a salir de sí para volverse al otro y llegar casi a expropiarse en su favor.”

<sup>15</sup> No original: “Desde chicos, usted y toda la barra, cuando se acordaban, me perseguían. El Gordo Picardo, el mayor del grupo [...] una tarde, cuando yo volvía del casamiento de mi tío Miguel, me vio de corbata y para arreglarme el moño casi me asfixia. Otra vez, usted me llamó engreído. Lo perdóné porque atiné a pensar que me

Propõe-se como interpretação desse fragmento que Casares não colocou a explicação da inveja na boca de um médico por acaso. A presença de tal profissional com um argumento que funciona como motivo para separar vizinhos pode ser lida como um signo representativo para a imunização que age justamente por ingerência e com intenções de domesticação da comunidade.

A partir do momento em que o relojoeiro começa a assumir os riscos de jogar com a vida, várias situações incomuns passam a permear sua existência, fazendo-o assumir um papel ativo diante das adversidades que se apresentam a ele. Porém, após decidir-se por enfrentar os riscos para salvar sua esposa, o relojoeiro ainda se depara com muitas injustiças e, por ameaçar os planos escusos dos médicos do hospício, acaba sendo internado também.

O chamado de Picardo para que Lucho entre no jogo da vida começa a fazer efeito no relojoeiro quando este se encontra encerrado injustamente no manicômio. Essa instituição, que pode ser lida como representante da ordem e como instrumento de imunização, já que separa aqueles que são considerados loucos do restante da sociedade, provoca uma tomada de consciência em Lucho, pois ele percebe que seu caráter reto não lhe garantiu sossego e justiça na vida. O caráter irreverente de Picardo começa, então, a fazer sentido para o relojoeiro, que se conscientiza de que muitas normas e leis se criam mais para domesticação do que para proteção do cidadão. Lucho, internado, sente, então, falta de seu vizinho e de sua comunidade, o que inspira a proposta de que é o pícaro Picardo o responsável pelo início do processo de autodeterminação do relojoeiro e de abertura do mesmo à verdadeira vida em comunidade, processo que deverá recorrer ao rompimento com algumas regras.

A constatação anterior permite-nos perceber como as relações sociais são importantes para o homem, o qual tem a necessidade de comunicar suas experiências ao outro, ainda que estas sejam de difícil compreensão. Neste ponto, a teoria de Esposito (2005) sobre imunização é esclarecedora, pois é responsável por tornar o homem um ser individualista, a ponto de fechar-se em seu próprio universo, onde se encontra recluso da sociedade e privado do compartilhamento de experiências com o próximo, o que contraria a sua própria natureza. Quando retomamos tais aspectos na obra *Dormir al Sol*, percebemos em Lucho uma figura representativa desses instrumentos individualizantes. Assim, o contato com o Gordo Picardo, que resiste aos já citados instrumentos de imunização, faz com que o relojoeiro entenda que muitas normas e leis são questionáveis e devem ser contestadas ou desafiadas para o alcance da autodeterminação e até mesmo para garantir a sobrevivência em determinadas situações, as quais exigem enfrentamento de riscos impensados para garantir a liberdade e a retomada de um papel, de maneira ativa, na comunidade da qual se faz parte. A citação a seguir elucidará essas considerações. Trata-se de uma tentativa de fuga de Lucho pela janela do manicômio no qual estava internado:

Na quinta e última saída, quando media o trajeto, me tomou um temor difícil de reprimir, que se tornava perigoso. Sabe como o dominei? Por um esforço da imaginação: bastou que imaginasse a fuga por uma rua, com o manicômio em uma ponta e a senhora na outra. Retomei o caminho, que era exaustivo, porque ali

---

ofendía tan sólo para conformar con los otros y a sabiendas de que estaba calumniando. Años después, un doctor que atendía a mí señora, me explicó que usted y la barra no me perdonaban el chalet con jardín de granza colorada ni la vija Ceferina, que me cuidaba como una niñera y me defendía de Picardo.”

alguém não pode se mover sem se expor à queda, e de vez em quando me detinha para descansar.<sup>16</sup> (CASARES, 2005, p. 166)

No fragmento, pode-se observar a mudança na personalidade de Lucho e em sua forma de enxergar a vida. A fuga do personagem do manicômio faz um jogo entre segurança e perigo, mostrando que o risco, muitas vezes, é necessário para que se possa garantir a sobrevivência de um indivíduo, o que é feito de modo literal quando consideramos esse personagem de Casares. Outro aspecto que merece atenção é o modo como o imaginário é utilizado para resistir às adversidades, como quando o relojoeiro se imagina na rua caminhando em direção à sua esposa de forma de resistir ao seu medo de percorrer o trajeto entre as janelas em busca de sua liberdade. Dessa forma, não é a lógica de um mundo pretensamente organizado que oferece forças a Lucho em sua fuga, mas a instância repentina, incontável e irracional do imaginário. Nota-se que o relojoeiro conquista amadurecimento a partir da aceitação do absurdo da vida não como uma ameaça, mas como oportunidade de autodeterminação. Assim afirma Esposito:

Livre de um mundo reduzido a si mesmo – ou seja, capaz de ser simplesmente aquilo que é: um mundo planetário, sem direção nem pontos cardeais. Um nada-mais-que-mundo. E esse nada em comum é o mundo a se fazer comum, a condição de se expor à mais dura ausência de sentido e, ao mesmo tempo, à abertura de um sentido até então impensado.<sup>17</sup> (ESPOSITO, 2009, p. 78).

A internação de Lucho e seu desfecho trazem fatores que valem a pena ser observados para a relação do relojoeiro com a comunidade. A inserção de Lucho na comunidade faz com que, ao mesmo tempo em que ele tem de assumir uma postura ativa de responsabilidade com o meio no qual está inserido, torna-se parte de um todo que será atingido pelas desventuras vividas por ele. Tal fato evidencia-se na citação a seguir:

– Esse que voltou não é o Lucho! Esse que voltou não é o Lucho! De repente se afrouxou como um trapo. Aproximei-me para ver. Estava morta. Em um instante se aglomeraram os curiosos, cheguei em casa, deitei-me e tratei de esquecer, mas como isso era impossível, meditei. Não encontrava senão duas alternativas: acreditar no que me contava o relato da carta, intervir e fiar como um tonto, ou não acreditar, não intervir e ficar como egoísta.<sup>18</sup> (CASARES, 2005, p. 195)

Nota-se que, assim, que, após a mudança brusca nas personalidades de Diana e Lucho, Ceferina percebe o que se passa, apesar de não escapar da morte causada pelo espanto que sua descoberta causa, e os outros membros da comunidade também se mobilizam. Tal fato

---

<sup>16</sup> No original: “En la quinta y última salida, cuando promediaba el trayecto, me entró un temblor difícil de reprimir, que resultaba peligroso. ¿Sabe cómo lo dominé? Por un esfuerzo de la imaginación: bastó que me figurara la fuga como una calle, con el manicomio en la punta y la señora en la otra. Retomé el camino, que era agotador, porque allí no se mueve uno sin exponerse a la caída, y de vez en cuando me detenía a descansar.”

<sup>17</sup> No original: “Libre de un mundo reducido a sí mismo – o sea, capaz de ser simplemente aquello que es: un mundo planetario, sin dirección ni puntos cardinales. Un nada-más-que-mundo. Y esta nada en común es el mundo al hacerse común, a condición de exponerse a la más dura ausencia de sentido y, al mismo tiempo, a la apertura de un sentido hasta ahora impensado.”

<sup>18</sup> No original: “– ¡Él que volvió no es Lucho! ¡Él que volvió no es Lucho! De pronto se aflojó como un trapo. Me acerqué mirar. Estaba muerta. En un instante se agolparon los curiosos. Entré en casa, me tiré traté de olvidar, y como eso era imposible, medite. No encontraba sino dos alternativas: creer lo que me refería el informe, intervenir y quedar como tonto, o no creer, no intervenir y quedar como egoísta.”

evidencia-se pela narração de Félix Ramos, que deixa claro que a história do casal Bordanave ainda não terminou e que a comunidade ainda fará algo para promover uma mudança nessa situação. Percebe-se isso na fala de Félix que fecha a história, quando a personagem vai até o Instituto Frenopático e não se dá por satisfeito com as notícias que recebe de Lucho, como será possível notar a seguir:

No outro dia liguei no Instituto Frenopático e chamei pela senhora Paula. Me perguntaram: De parte? – Um amigo – Já não trabalha conosco- Poderia me dar seu endereço? – Não o temos. No quarto que ocupava o senhor Bordanave encontramos uma carta para você. Deseja que a enviemos, senhor Ramos? Me contrariei, porque já me cansavam as cartas de Bordanave e porque me haviam reconhecido. Todo o assunto me pareceu, além de confuso, ameaçador. Resolvi, então, esquecê-lo por um tempo.<sup>19</sup> (CASARES, 2005, p. 196).

Assim, percebe-se que a inserção na comunidade gera responsabilidade para o indivíduo, que passa a ser considerado com todas as suas peculiaridades, visto que o viver em comum não deve ser compreendido como um todo homogêneo, mas composto por diversas heterogeneidades que convivem e formam um sistema complexo e, ao mesmo tempo, necessário. Na obra, também se percebe que a comunidade que acolheu Lucho não deixará sua história terminar, como seria esperado, pois irá se mobilizar para ajudar o relojoeiro, como fica subentendido no fragmento a seguir, que está localizado no fim da obra:

Para visitar Bordanave essa mesma noite, aproveitei o que me parecia muito delicado, o velório de Ceferina. Mais bela que nunca, Diana me ofereceu uma xícara de café e me cumprimentou como se não me conhecesse. Lucho me olhou com tão imperfurável indiferença, que busquei refúgio em um grupo de amigos, entre os quais estavam o Gordo Picardo, o palhaço Aldini e outros que quase não identificava, porque haviam se mudado e desde muitos anos não viviam na vila. Era madrugada, na cozinha, se levantou um clamor. Insinuei a Picardo, que é um curioso: Por que não averiguamos o que está acontecendo?<sup>20</sup> (CASARES, 2005, p. 195-196)

Com base na citação anterior e nas discussões propostas ao longo do presente trabalho, pode-se concluir que a retomada dos valores da comunidade em seu sentido original, como proposto por Esposito (2009), é de fundamental importância para a resistência aos processos imunizatórios que permeiam a vida do homem, como observado na narrativa de Casares, bem como para a aceitação do mundo heterogêneo, o qual se abre para experiências do excesso e se entrega ao jogo da vida, configurado pela aceitação do absurdo e pela consideração da subjetividade e das paixões na construção do conhecimento e da autodeterminação.

---

<sup>19</sup> No original: “Al otro día llamé al Instituto Frenopático y pedí por la señorita Paula. Me preguntaron: ¿De parte? - Un amigo - Ya no trabaja con nosotros. - ¿Podría darme su dirección? - No la tenemos. En la habitación que ocupaba el señor Bordanave hemos hallado una carta para usted. ¿Quiere que se la enviemos, señor Ramos? Me contrarié, porque ya me cansaban las cartas de Bordanave y porque me habían reconocido. Todo el asunto me pareció, amén de confuso, amenazador. Resolví, pues, olvidarlo por un tiempo.”

<sup>20</sup> No original: “Para visitar a Bordenave esa misma noche, aproveché lo que no parece muy delicado, el velorio de Ceferina. Más linda que nunca, Diana me ofreció una tacita de café y me saludó como si no me conociera. Lucho me miró con tan imperforable indiferencia, que busqué refugio en un grupo de amigos, entro los que estaban el Gordo Picardo, el payaso Aldini y otros que apenas identificaba, porque se habían mudado y desde largos años no vivían en el pasaje. Hacia la madrugada, en la cocina, se levantó un clamoreo. A Picardo, que es un curioso, le insinué: ¿Por qué no averiguamos que ocurre?”

## **Referências**

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. São Paulo: Zahar, 1999.
- BATAILLE, G. *A parte maldita*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- BATAILLE, G. *O Erotismo*. São Paulo: L&PM, 1987.
- CASARES, A. B. *Dormir al sol*. Madrid: Alianza, 2005.
- CIPRESTE, K. F. *Experiências do Excesso: Casares e Bellatin*. 2013. 224 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- ESPOSITO, R. *Communitas: origen y destino de la comunidad*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- ESPOSITO, R. *Comunidad, inmunidad y biopolítica*. Barcelona: Herder, 2009.
- ESPOSITO, R. *Immunitas: protección y negación de la vida*. Buenos Aires: Amorrortu, 2005.
- MENÉNDEZ PELÁEZ, J. *et al. Historia de la literatura española*. v. II. Renacimiento y Barroco. León: Everest, 1993.